

BERGSON MEMÓRIA E VIDA

- Deleuze lendo Bergson: obra deleuziana
- tema do tempo, é variante do tema do espaço; falar do tempo é falar do espaço
- a aparição do cinema quebra essa lógica e, para Deleuze, Bergson é o filósofo que resolve essa dobra
- ao desfilar o tempo do espaço, Bergson oferece a ideia do tempo em si – entrada que destrói os princípios básicos da física newtoniana. Não há relação entre espaço-tempo porque o tempo é de uma natureza própria (chegar Carlo Rovelli)
- essa é a conversa com Bergson que interessa a Deleuze (Repetição e Diferença e Cinema)
- Tema da duração: o tempo emerge no ser, não no espaço – imanência do ser

1. A Duração e o Método

a) a natureza da duração

1. A duração como experiência psicológica

- fluxos e não estratificações
- mudança constante, caráter mutável das percepções e afecções
- Merleau-Ponty, Foucault, Canguilem, Deleuze foram influenciados por Bergson
- desconstrói a ideia da estratificação cumulativa das experiências humanas, que implica que bastaria cavarmos as camadas geológicas para compreender os seres
- a repetição do objeto é uma ilusão, o que fazemos é atualizar constantemente o objeto

2. a duração e o eu

- duração, de quantidade, volta ao estado de qualidade (pancadas do relógio)
- nosso corpo vibrátil é afetado e percebe mesmo que não estejamos prestando atenção – o tema do corpo e da vida são importantes no Bergson (conceito de eu fundamental, associar os temas do tempo com o espaço e a homogeneidade)
- eu fundamental – o saber do corpo: música, não ficamos pensando nela em termos simbólicos quando a ouvimos – compreendemos sua estrutura sem que precisemos saber música
- cinema: não ficamos lendo fotograma por fotograma simbolicamente para depois formarmos a imagem contínua, imergindo na experiência
- saber da experiência – experimentar no corpo
- o tempo como duração é um acontecimento, não uma acumulação de momentos vividos, contáveis em termos de horas e dias.
- o tema do tempo é imanente à própria existência do ser
- 72 anos deixa de ser uma sequência homogênea no espaço; não tenho a mínima noção do que significa viver 72 anos – tempo não é durabilidade simbolizada, a experiência existencial é de outra durabilidade
- tempo da experiência, dos afetos, não é o tempo do relógio
- “nós morremos, o cavalo passa” (Heidegger)
- para Bergson, como para Espinosa, todo instante é infinito na experiência do viver, como acontecimento, ainda que seja finito na extensão
- “O universo dura. Quanto mais nos aprofundamos na natureza do tempo, mais compreendemos que duração significa invenção, criação de formas, elaboração contínua do absolutamente novo” (p.8)
- queda e elevação: o que está dado e o que está dando, o que está instituído e o que está instituinte.
- fala de tramas de forças, fios, genealogias e cartografias em acontecimentos
- não fala de totalidade (noção de fechamento), fala de todo como composição
- o ser é livre na medida em que vai se libertando das causas externas (Espinosa) – todo ser que é muito dependente das causas externas está amarrado numa trama. Foucault: cuidado de si como dispositivo de autonomização de si numa vida capturada
- não é mais extensão-mola, é extensão-criação
- essa é a produção da liberdade
- na medida em que nos libertamos das causas externas, tudo é potência, portanto é possível produzir potência mesmo a partir de encontros tristes.
- é a água que não ferve nunca quando ficamos observando

- Candice Moraes: Na impaciência se anda ate o meio do caminho

O TODO E A VIDA